



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA

PRESIDÊNCIA

DA REPÚBLICA

VII

Discurso do Senhor Itamar Franco, Presidente da República, na solenidade com a União Parlamentarista Interestadual, no Palácio do Planalto.

Brasília, DF, 28 de janeiro de 1993.

Eu tenho a impressão de que o Presidente da República, neste momento, não precisaria falar. Bastaria que ele lesse o documento assinado pelo Deputado Tônico Ramos, que diz bem da realidade nacional, que diz bem do que se passa no Brasil. Este é um momento importantíssimo para o Presidente da República e para o País, este encontro com Presidentes de Assembléias Legislativas e outros deputados e deputadas estaduais. É um momento decisivo para a Nação brasileira.

Costumo dizer, particularmente nas conversas com os nossos líderes, que nossa recente crise institucional foi um exemplo para o mundo. Pude perceber isso nas viagens internacionais que já fiz, quando me perguntam como o Brasil resolveu a sua crise institucional. E eu ouvi dois ou três Presidentes comentando: «— Mas o Itamar não tinha um tanque na rua, não tinha um soldado em cima do Palácio do Planalto». E eu confirmava que não havia soldados nas ruas, que não havia tanques nas ruas e eles realmente ficavam imaginando a situação com uma certa perplexidade, certos Presidentes de certos países.

Nossa crise institucional, embora difícil, embora dolorosa, embora triste, foi resolvida pelo Congresso Nacional, pelos senhores deputados, pelos senhores senadores. As

discussões se prolongaram, avançaram pelas noites, trouxeram preocupação durante o dia, mas a crise teve a sua decisão na ordem constitucional vigente.

Então este Presidente que aqui está, não está aqui porque esse ou aquele partido fez com que assumisse o cargo. Ele aqui chegou em decorrência da Constituição Federal. Se assim não fosse, teria que ter havido outra solução constitucional. Então quando determinado partido tenta dizer: «— Olha, o Presidente Itamar Franco hoje está no cargo porque deve a nós», eu digo que não. Eu não devo a ninguém estar aqui. Eu devo à Constituição Federal. E a Constituição Federal quis dar esse ordenamento. Poderia ter dado outro ordenamento, mas por certo seria um ordenamento fora daquilo que o mundo, com certa ansiedade, percebeu no território brasileiro.

Mas há uma coisa que está se tornando terrível neste País. Nosso País está caminhando hoje para 35 milhões de brasileiros abaixo da linha da pobreza. O que significa estar abaixo da linha da pobreza? Significa que esta gente está vivendo na miserabilidade, em condições de pobreza absoluta. Então é necessário que a gente tenha uma atenção especial para com isso. Por quê? Porque se nós não resolvermos ou não atenuarmos alguns problemas em 1993, nós vamos chegar — e eu não tenho dúvida quanto a isso, e todos nós aqui somos políticos, todos nós vivemos de perto com o nosso eleitorado, com as nossas comunidades, com os anseios das nossas comunidades, alguns de regiões mais pobres, outros de regiões mais ricas —, nós vamos chegar a 94 com uma sociedade fracionada, uma sociedade dividida, uma sociedade que pode levar o País a uma situação de conflitos terríveis na eleição que se aproxima, tanto no âmbito federal, para a escolha do futuro Presidente da República, como dos deputados e senadores.

Esse é um ano particularmente importante. É, por quê? Porque nós vamos ter daqui a algum tempo a escolha do sistema de governo no País. O plebiscito vai escolher não apenas entre presidencialismo e parlamentarismo, vai indicar não só o sistema de governo, mas também se queremos a república ou a monarquia. E eu até me permito, sem qualquer outro sentido, mostrar aos senhores que este palácio, por exemplo, onde estamos, nesta sala, o ambiente até sugere que nós somos altamente monarquistas. Basta ver que aqui está o nosso D. Pedro IV, que nem é D. Pedro I, porque o nosso D. Pedro I era o D. Pedro IV em Portugal, mas a figura representada aqui é ele como D. Pedro IV. Por incrível que pareça — e eu dizia ontem a alguns monarquistas que recebi aqui para conversar sobre a cédula —, por incrível que pareça, o Palácio do Planalto e o Palácio da Alvorada são monarquistas, porque não encontramos nem aqui no Palácio do Planalto, nem no Palácio da Alvorada sequer uma figura republicana. Então, os ares monarquistas já rondam aqui o Palácio do Planalto e o Palácio da Alvorada.

Mas nós vamos ter então o plebiscito, vamos em seguida ter o problema da revisão constitucional. Portanto, teremos um ano rico, rico em tomada de posição. Mas se ele é já rico na ordem política, ele precisa ser rico também em quê mais? E permitam, então, essa pequena digressão: ele precisa ser rico na nossa união.

Os problemas de ordem partidária, os problemas de ordem ideológica não nos devem separar. Há uma coisa que deve nos unir a todos, independente das siglas partidárias, independente das nossas idiosincrasias: é a união contra a miséria, é a união contra a fome.

É nesse sentido, Presidentes e senhoras e senhores Deputados, que faço o meu apelo aqui. Costumam dizer que

o Presidente está muito repetitivo em relação à crise social. Mas a crise é violenta, ela é séria, ela está se aproximando, ela está nos consumindo, embora este País tenha tudo a oferecer.

Nós não podemos permitir que os especuladores, da noite para o dia, venham a intervir no mercado financeiro, e através de manchetes mentirosas, em poucas horas, em poucos minutos ganhem verdadeiras fortunas. Não podemos permitir que aqueles, que acredito que querem acreditar no livre mercado, de repente aumentem os seus preços nos seus supermercados, nas farmácias, levando o povo brasileiro a um processo de acreditar que o Governo, queira ou não, tenha que intervir na ordem econômica, porque ela é injusta. E se nós todos sabemos que ela é injusta, é preciso que os agentes econômicos entendam que a hora é a hora da colaboração. Não é hora de começar a testar o Governo, não é hora de levar aflição à população.

Portanto, eu me alegro com a presença de todos aqui, desejando-lhes também muitas felicidades. Tenho a certeza de que se nos unirmos, Presidentes, e aqui neste documento está escrito, este País tem solução, este País vai poder ser a grande Nação do século XXI. Esse século XXI do qual nós já nos acostumamos, como dizem os poetas, a ver as luzes. A nossa precisa ser uma Nação solidária. Mas ela precisa ser uma Nação também que tenha um equilíbrio, um equilíbrio estável, e para que tenha esse equilíbrio estável nós precisamos diminuir a distância que nos separa de alguns brasileiros.

Muito obrigado e meu abraço cordial a todos.